

O CORPO COMO TELA: OS XERENTE

Irrayne Vieira Marques
Curso Graduação em História
Campus Ciências Sócio-Econômicas e Humanas – CCSEH (Anápolis)
lorraynevieira20@gmail.com

Poliene Soares dos Santos Bicalho
Curso Graduação em História
Campus Ciências Sócio-Econômicas e Humanas – CCSEH (Anápolis)

Introdução (Problemática e Objetivos)

A principal finalidade deste trabalho é compreender a arte indígena a partir da cultura imaterial, com o intuito de identificar e analisar as pinturas corporais e os diversos rituais dos Xerente; e, assim, verificar a partir de qual ponto os mitos e ritos influenciam na composição da indumentária ritualística. Compreender as representações e os sentidos inerentes à pintura corporal indígena.

A pintura para os índios tem sentidos diversos, não somente pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Tem como objetivo diferir os povos, determinar a função de cada um dentro da aldeia e até demarcar o estado civil dos indivíduos. Algumas índias utilizam esse método, por exemplo, para “dizer” que estão interessadas em encontrar um parceiro

Referencial Teórico

GASPAR, Lúcia Ribeiro e VIDAL, Lux ressaltam o grafismo indígena em estudos de antropologia e estética. Assim, é mais fácil a compreensão da arte indígena e fazer um levantamento iconográfico dos rituais e vestimentas indígenas em geral.

Focaremos em etnias específicas, SILVA & FARIAS (1992) tem relatos que ajudará a compreender e identificar as diversas técnicas usadas pelos Xerente. Os Xerente são um grupo indígena que habita a margem direita do Rio Tocantins, próximo à cidade de Tocantínia, no estado do Tocantins. Sua população, atualmente, é de quase 1.800 pessoas distribuídas em 33 aldeias que integram as reservas indígenas Xerente e Funil, com 183 542 hectares de área demarcada.

Preto, vermelho e branco são as cores da ornamentação corporal básica entre os xerente. O preto é conseguido com o carvão pulverizado, misturado ao pau de leite,

previamente colocado sobre folha lisa como a da bananeira, por exemplo. O pintor, Dasisdanãrkwá apóia a folha sobre a palma da mão e, ali, mistura as tintas. O corpo untado com óleo de babaçu, recebe as grandes listras e os detalhes em preto que lhes são impostos com a ajuda de uma espátula de taquara, de carimbos esculpido em pedaços de miolo da tora de buriti ou feitos de pequenas pontas de cabaça ou de um talo miúdo da folha do buriti, conforme o padrão desejado (SILVA & FARIAS, 1992 p. 98).

Essa etnia pertence ao grupo linguístico Macro-Jê e estão em contatos com os não indígenas a mais ou menos duzentos anos. Os índios utilizam a pintura corporal como meio de expressão ligado aos diversos manifestos culturais de sua sociedade. Para cada evento há uma pintura específica: luta, caça, casamento, morte.

Metodologia

O presente trabalho visa identificar as características das pinturas corporais da etnia Xerente. Através de uma revisão da literatura sobre o Xerente, sua arte representada especialmente no corpo e sua relação com divisão clânica daquela sociedade, assim como quanto os significados culturais da mesma.

O trabalho está organizado da seguinte forma:

No capítulo I, irei discutir a relação da arte indígena na cultura material e imaterial.

No capítulo II, irei abordar a etnia Xerente e analisar as pinturas corporais.

No capítulo III, retomo alguns pontos discutidos nos capítulos anteriores para poder melhor compreender os vários aspectos que representam as vestimentas indígenas dos Xerente.

Resultados e Discussões

Após a identificação e análise de alguns rituais indígenas, relativos ao nascimento, casamento e morte, entre outros, durante os quais é recorrente o uso de uma indumentária elaborada, composta basicamente de pinturas corporais e plumagens, se verificou que o material utilizado para essas pinturas são tintas feitas com corantes vegetais, como urucum, jenipapo, pó de carvão, pau-de-leite e calcário. Sabe-se também que a pintura é usada por algumas etnias como uma forma de distinção de grupos sociais dentro de determinada sociedade indígena.

Olhar para o passado, estudar e ir atrás de algum fato é surpreendente. Mas saber qual a influência que tal acontecimento teve para os dias de hoje é espetacular. Desde a

colonização do Brasil, o modo de vida e sobrevivência dos indígenas se modificou bastante. Diante disso, porque não estudar a cultura indígena? Essa pesquisa propõe investigar a pintura corporal da etnia Xerente e analisar as principais características dessa indumentaria nos ritos e no dia a dia dessas etnias.

O primeiro contato dos indígenas com os portugueses foi em 1500, essa relação foi sempre conturbada. Cheio de costumes diferentes, a coroa portuguesa impôs uma nova religião, os catequisando.

Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. (LERY, apud Steigleder, 1980, p.113)

Para o indígena a nudez era natural, fazia parte do seu costume e da sua existência desde o nascimento, enquanto para o colono português era uma novidade, pois as mulheres europeias vestiam-se dos pés à cabeça.

A sociedade brasileira é composta por diferentes matrizes étnicas, entre elas o indígena. O contato com o branco, desde o início da colonização, sempre foi prejudicial à cultura indígena em geral, pois funciona como elemento desestabilizador, provocando a perda das terras e dos valores culturais. Por outro lado, adaptados ao seu meio ambiente, não possuindo defesas contra as doenças da civilização, muitos morreram pelas gripes, sarampo, sífilis e outras doenças. Assim, dos milhões que aqui habitavam na época do “descobrimento” do Brasil, segundo o senso de 2010, hoje o total é de aproximadamente 896,9 mil indígenas dividido em 305 etnias.

As indumentarias que os indígenas utilizam são confeccionadas com materiais naturais; pele de animais e folhas, por exemplo. Por isso, as roupas costumavam ter cores neutras e naturais. O que predominava e predomina muito na vestimenta desses povos são os ornamentos. Ou seja, a vestimenta variava, e ainda varia, muito de acordo com a ocasião. Na maioria das vezes, utilizam poucas roupas, muitos acessórios e muita pintura corporal. As roupas variam também, de acordo com a localização, os costumes e as tradições de cada povo, além do clima e da temperatura.

A identidade pessoal e social (segundo o sexo, idade, atribuição de nome, status político, papel cerimonial) também é comunicada através de uma linguagem simbólica consubstanciada no uso de objetos durante os rituais. Os significados desses símbolos nem sempre são explícitos ou conscientes para os próprios atores sociais. Entre os grupos macro-Jê, em que a ênfase da ação social e da cosmologia é colocada na organização social, a parte mais elaborada da cultura material tem como referente as regras de estruturação da sociedade (BERTA G. RIBEIRO, p. 22).

Foram séculos de escravidão, catequização e dizimação. A cultura do europeu influenciou bastante a vida dos povos indígenas. Apesar disso, ainda existem etnias totalmente isoladas.

Uma das mais importantes expressões da cultura indígena é a pintura corporal. Eles usam materiais extraídos da natureza, tais como: Jenipapo, Urucum ou carvão. Para pintar, eles utilizam gravetos, dedos ou, em certas sociedades, fazem carimbos com caroços de frutas partidos ao meio e mergulhados na tinta. Ao contrário do que se pensa, não devemos chamar a arte indígena de primitiva, pois se trata de uma arte bastante elaborada. Eles observam a natureza e a representam por meio das formas geométricas e, pela repetição e variação de tamanho, obtêm-se ritmo e equilíbrio. Ressalta-se que cada povo tem seu próprio estilo.

Os índios brasileiros usam muitos adornos e pinturas corporais. Os adereços são confeccionados com plumarias de aves e na maioria das vezes estão ligados a algum rito, comemoração ou ritual. Além dos adereços a pintura corporal é muito usada em algumas etnias. Este trabalho tem foco na etnia indígena Xerente, pois eles continuam a expressar por meio da pintura a sua identidade étnica que está ligado aos mais diversos manifestos culturais.

Esse povo se autodenominam Akwe, etnia localizada no estado do Tocantins e pertencentes ao grupo linguístico Macro-Jê. Os primeiros contatos com os bandeirantes datam de 1738. O Cerrado abriga uma das maiores biodiversidades do mundo. Esse bioma tem uma grande variedade de fauna, flora e paisagens exuberantes. Junto a toda esta riqueza, os indígenas que foram calados nos séculos passados lutam para que sua cultura não seja esquecida. As populações mais antigas do cerrado são os Karajá, Avá-Canoeiro, Xavante, Tapuia e muitos outros que foram dizimados com o tempo. Devido ao avanço do colonialismo, muitos povos foram obrigados a fazer mudanças, e alguns já eram nômades. Os contatos com os não índios não afetaram a sua identidade étnica. Eles conseguiram manter e expressar suas culturas de diferentes formas através de ritos, pinturas, dança. Os Xerente se subdividem em dois grupos: clãs wahire, krozake e krãiprehi que usam traços e o segundo nos clãs kuzâ, kbazi e krito utilizam círculos. Esses dois grupos se respeitam tanto na política quanto nos rituais. De acordo com Aracy Lopes e Agenor T. P. Farias

Os Xerente chamam todos os grupos sociais com identidade própria e que articulam em contextos específicos de “partidos”, no sentido de uma totalidade (conjunto dos membros de uma aldeia) partida, dividida, em subgrupos. Assim, são “partidos” o que para a antropologia são clãs, classes de idade, metades rituais etc. E os “partidos” são identificados pela pintura corporal que seus membros ostentam.(P. 90)

Antigamente, os Xerente exploravam o grande território do cerrado através de caça e coleta. Os ciclos das atividades agrícolas são divididos em duas estações: o período de seca e de chuva. Com as grandes dificuldades enfrentadas atualmente com a falta de caça e pesca essa etnia busca formas de renda variadas em vendas de cestarias, bordunas, arco e flechas apesar de não ser muito valorizado naquela região.

Os índios utilizam a pintura corporal como meio de expressão ligado aos diversos manifestos culturais de sua sociedade. Para cada evento há uma pintura específica: luta, caça, casamento, morte. Fora das ocasiões de cerimônias, no dia a dia de uma aldeia xerente, só as crianças podem se pintadas, nem sempre é ritualística. Há dois padrões básicos: onça e tamanduá, e se aplicam a crianças recém-nascidas e crianças de 2 a 3 anos de ambos os sexos. Depois dessa idade, passam a usar o padrão de adultos, que é a pintura tradicional.

Essa etnia como qualquer outra, já passou por um processo de catequização. A formação bilingue é feita dentro da etnia desde a década de 50. Alguns antropólogos, FUNAI e faculdade federal de Tocantins ajudam nessa formação, sendo que o estudo é limitado até a 4º serie.

O que predominava e predomina muito na vestimenta desses povos são os ornamentos. Ou seja, a vestimenta variava, e ainda varia, muito de acordo com a ocasião. Na maioria das vezes, utilizam poucas roupas, muitos acessórios e muita pintura corporal. As roupas variavam também, de acordo com a localização, os costumes e as tradições de cada povo, além do clima e da temperatura.

Conclusão

O que predominava e predomina muito na vestimenta desses povos são os ornamentos. Ou seja, a vestimenta variava, e ainda varia muito, de acordo com a ocasião. Na maioria das vezes, utilizam poucas roupas, muitos acessórios e muita pintura corporal. As variações relativas às vestimentas estão associadas também à localização, aos costumes e às tradições de cada povo, além do clima e da temperatura.

A pintura corporal é mais que uma mera característica de manifestação cultural da humanidade, é parte integrante da formação da maioria das sociedades. Todo ritual retratado a partir de comportamentos simbolicamente motivados e expressos nos corpos indígenas, através da pintura corporal, dos adornos e das plumárias, é uma forma de arte. Neste sentido, é necessário conhecer a especificidade étnica da arte indígena, que ultrapassa o sentido da

mera contemplação, por se caracterizar pela utilidade prática (uso cotidiano) e por seu caráter simbólico (ritual).

Referências

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. Brasil: Cosac & Naify, 1980. 223 p. Tradução de Paulo Neves.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naif, 2008. Tradução Beatriz Perrone-Moisés.

SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.) **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus / Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

GASPAR, Lúcia. *Trajes e adornos de índios brasileiros*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 22/03/16.

LAGROU, Els. 2009. **Arte Indígena no Brasil**: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/ Arte. 127p.

MANUEL FERREIRA LIMA FILHO. Karajá. Goiânia, 1999. **Instituto socioambiental | povos indígenas no brasil**. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBOKARAJA.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

VIDAL, Lux. (Org.). **Grafismo Indígena**. Estudos de Antropologia Estética. São Paulo: Nobel / EDUSP, 1992.

BARROS, Maria Paulina. **A construção de uma linguagem indumentária ornamental, ritual e mágica**: a pintura corporal dos índios karajá. In: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/3-Coloquio-de-Moda_2007/1_01.pdf. 01/08/2016. 19:25hrs.